

Contribuições de Paulo Freire e Henri Wallon para reflexão sobre a importância da afetividade no ensino-aprendizagem a distância

Maria Aparecida Vilela Mendonça Pinto COELHO¹

Juliana Brassolatti GONÇALVES²

Beatriz Consuelo Kuroishi MELLO³

Solange Maria Trócoli TESTA⁴

Resumo: O objetivo deste trabalho foi obter informações dos alunos sobre quais características deveria ter um professor/tutor de um curso de Licenciatura em Matemática a distância para satisfazer suas necessidades como alunos. A pesquisa foi realizada nas próprias salas de aula virtuais dos professores/tutores, visando avaliar suas práticas pedagógicas e realizar mudanças em seu trabalho que pudessem atender às expectativas dos futuros professores. A questão orientadora da pesquisa foi: Que características deve ter um professor/tutor em EaD para suprir as necessidades dos alunos? A pergunta foi encaminhada pelas ferramentas Lista e Fórum, das disciplinas de Cálculo Diferencial e Integral, Vetores e Geometria Analítica e História da Matemática, no mês de novembro do ano de 2014. Os alunos foram informados de que se tratava de uma pesquisa e ficaram à vontade para responder ou não à questão. Os trabalhos de Wallon e Freire com foco na afetividade fundamentaram a análise, sendo que a escolha teórica foi motivada pela necessidade de dar maior apoio afetivo aos alunos, devido a frequentes pedidos de ajuda e desabafos solicitando maior atenção. Concluímos que, quando o aluno se manifesta em um ambiente virtual de aprendizagem, buscando respostas para as suas dúvidas, mostra sua capacidade de mobilizar poderosamente o ambiente, para atender às suas necessidades o mais rápido possível. E essas respostas ele espera que sejam encaminhadas de uma forma afetiva. A distância espacial prolongada conduz a um estado que pode se confundir com descaço, falta de atenção e descomprometimento.

Palavras-chave: Afetividade. Licenciatura em Matemática a Distância. Formação de Professores.

¹ **Maria Aparecida Vilela Mendonça Pinto Coelho.** Doutora em Educação Matemática pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestre em Educação pela mesma instituição. Atuou como Professora Substituta nas disciplinas: Metodologia de Ensino

² Prática de Ensino e Estágio Supervisionado de Matemática na Escola Básica na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Atualmente é Pesquisadora das áreas de Formação de Professores e Educação a Distância. *E-mail:* <cidapintocoelho@gmail.com>.

³ **Juliana Brassolatti Gonçalves.** Mestre em Matemática pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Pesquisadora das áreas de Formação de Professores e Educação a Distância. Docente e Tutora a Distância do Claretiano – Centro Universitário. *E-mail:* <juliana.brassolatti@uol.com.br>.

⁴ **Beatriz Consuelo Kuroishi Mello.** Mestre em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Cruzeiro do Sul (UNICSul). Licenciada em Matemática pelo Centro Universitário Claretiano (CEUCLAR). Pesquisadora das áreas de Formação de Professores e Educação a Distância. Coordenadora, Docente e Tutora a Distância do Claretiano – Centro Universitário. *E-mail:* <beatrizmello@claretiano.edu.br>.

⁵ **Solange Maria Trócoli Testa.** Especialista em Direito Educacional pelo Centro Universitário Claretiano (CEUCLAR). Pesquisadora das áreas de Formação de Professores e Educação a Distância. Docente e Tutora a Distância do Claretiano – Centro Universitário. *E-mail:* solangetesta@claretiano.edu.br.

Paulo Freire's and Henri Wallon's contributions for a reflection on the importance of affectivity to the distance education teaching and learning process

Maria Aparecida Vilela Mendonça Pinto COELHO

Juliana Brassolatti GONÇALVES

Beatriz Consuelo Kuroishi MELLO

Solange Maria Trócoli TESTA

Abstract: The objective of this work was to get information from the students about what features a teacher / tutor of Bachelor's Degree in Mathematics at distance should have to fulfill their needs as learners. The survey was conducted informally by their virtual teachers/tutors classrooms to evaluate their practice and make changes in their work that could meet the expectations of future teachers. The guiding research question was: What characteristics should have a teacher/tutor at distance education to meet the student needs? The question was referred through the List and Forum tools, the Differential and Integral Calculus of disciplines, Vectors and Analytic Geometry and History of Mathematics, in November of 2014. The students were told that it was a research and it was up to them to answer or not the questions. Wallon and Freire jobs focused on affectivity based on the analysis, and theory choice was motivated by the need to give more emotional support to students, due to frequent requests for help and outflow requesting more attention. The result of this study has demonstrated that the student manifested himself in a virtual learning environment, seeking answers to his questions, show his ability to powerfully mobilize the environment, to meet his needs as quickly as possible. And these answers he expected to be sent to an affective way. Prolonged spatial distance leads to a state that can be confused with indifference, lack of attention and disengagement.

Keywords: Affection. Degree in Mathematics Distance. Teacher Education.

1. INTRODUÇÃO

Em nosso trabalho pedagógico nas salas de aula virtuais e nas reflexões e pesquisas sobre o Ensino a Distância, temos percebido que as teorias desenvolvidas por Freire e Wallon podem ajudar-nos a compreender alguns aspectos e particularidades de uma sala de aula virtual, e a especificidade do nosso aluno ao relacionar-se com essa forma de conhecer. Algumas questões surgem e funcionam como desafios quando percebemos que uma nova perspectiva e uma epistemologia diferente se encontram na base do nosso trabalho. A questão não se resume simplesmente à dicotomia presencial/a distância, mas a algo mais complexo, realmente desafiador para alunos e professores.

A teoria freireana dirige nosso olhar para a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender e por nossa participação em uma experiência total, de dimensões política, ideológica, pedagógica, estética e ética, na qual a beleza deve estar de mãos dadas com a seriedade (FREIRE, 2010). Afirma que toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, “[...] um que, ensinando, aprende, outro que, aprendendo, ensina” (FREIRE, 2010, p. 70), envolvendo o uso de objetivos, sonhos, utopias, ideais, destacando que:

Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre *seriedade docente e afetividade*. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar. A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade (FREIRE, 2010, p. 140).

O autor destaca também que o trabalho do educador é uma especificidade humana, devido ao fato de que a condição humana fundante é a inconclusão de nosso ser histórico, inacabado e curioso. No ensino a distância, essa condição torna-se mais significativa se levarmos em conta que grande parte de nossos alunos busca meios para mudanças e reorientações de suas vidas profissionais.

A teoria walloniana enfatiza o aproveitamento das possibilidades de cada fase do desenvolvimento da pessoa humana

e sugere a utilização de procedimentos pedagógicos para cada idade e formação, considerando que as formas de pensamento e de afetividade são diferentes, conforme os estágios de desenvolvimento.

Segundo Almeida (2000), o conceito de “meio” é fundamental na psicogenética walloniana. Ainda segundo Almeida (2000, p. 78), Wallon afirma que “[...] o estudo da criança exige igualmente o estudo do meio ou dos meios em que ela se desenvolve. O meio é o conjunto mais ou menos duradouro das circunstâncias nas quais se desenvolvem as pessoas”.

A teoria de desenvolvimento de Wallon assume que o desenvolvimento da pessoa se faz a partir da interação do potencial genético, típico da espécie, e uma grande variedade de fatores ambientais. O foco da teoria é essa interação da criança com o meio, uma relação complementar entre os fatores orgânicos e socioculturais. Afirma Wallon (1995, p. 210):

Estas revoluções de idade para idade não são improvisadas por cada indivíduo. São a própria razão da infância, que tende para a edificação do adulto como exemplar da espécie. Estão inscritas, no momento oportuno, no desenvolvimento que conduz a esse objetivo. As incitações do meio são sem dúvida indispensáveis para que elas se manifestem e quanto mais se eleva o nível da função, mais ela sofre as determinações dele: quantas e quantas atividades técnicas ou intelectuais são à imagem da linguagem, que para cada um é a do meio!...

No que diz respeito à teoria walloniana, “[...] as crianças devem frequentar a escola para ficarem familiarizadas com um novo tipo de disciplina e de relações interpessoais” (ALMEIDA, 2000, p. 79). Nossos alunos, ao frequentarem uma sala de aula virtual, encontram também relações diferentes, com novas regras, e que exigem outro tipo de aptidão e competências diferentes.

A autora destaca que a sociedade coloca o homem em presença de novos meios, novas necessidades e novos recursos, que aumentam possibilidades de evolução e diferenciação individual. E o meio inclui o meio interpessoal e o cultural.

Nossas reflexões nos levam a alguns saberes do senso comum que colocam os alunos como aptos a trabalhar em sistemas

informatizados, devido ao fato de terem já nascido na era digital e já usarem com sucesso redes sociais e *games*, e os professores como deficientes para esse tipo de trabalho, por não terem tido tempo suficiente de preparação para usar os recursos tecnológicos. Não há dúvida de que realmente podemos encontrar situações desse tipo, mas o grande problema, a nosso ver, é a insuficiência de investigações que possam apoiar com segurança professores e alunos nos trabalhos a distância, apesar do aumento das pesquisas na área.

Almeida (2000) destaca que Wallon privilegia o humanismo e suas ideias pedagógicas têm a marca de um humanista, sendo algumas de suas propostas a integração entre as dimensões afetiva, cognitiva e motora e o aproveitamento, pela escola, das oportunidades que o meio oferece ao aluno. A diferenciação, no lugar da homogeneização, é um ponto forte na teoria walloniana.

2. A PESQUISA

Realizamos a pesquisa em nossas próprias salas de aula virtuais e o nosso objetivo foi obter informações sobre o que os alunos esperavam de um professor/tutor, para que nos seja possível avaliar nossa prática e realizar um trabalho pedagógico que atenda às suas expectativas. Embora o conhecimento produzido na pesquisa possa ser classificado como um conhecimento local (COCHRAN-SMITH; LITTLE, 1999), que é o conhecimento produzido em um contexto determinado, ele contribui para problematizar as questões envolvidas na investigação e também pode ser útil a uma comunidade educacional mais ampla.

A questão que direcionou a pesquisa foi a mesma que colocamos no Fórum e na Lista para nossos alunos: *Que características devem ter um professor/tutor em EAD para suprir as suas necessidades como aluno?*

Explicamos que se tratava de uma pesquisa, com o objetivo de melhorar a nossa prática pedagógica. Os alunos ficaram à vontade para responder ou não à questão, e os nomes que apresentamos aqui são fictícios.

A motivação para este trabalho surgiu em uma reunião de nosso grupo de pesquisa na instituição na qual trabalhamos, quando estudamos um texto sobre teorias psicogenéticas associadas a Piaget, Vygotsky e Wallon. Os trabalhos de Wallon sobre afetividade despertaram nosso interesse porque temos percebido a necessidade de dar maior apoio afetivo aos nossos alunos, devido a frequentes pedidos de ajuda e desabafos indicando a necessidade de maior atenção.

Contamos também com a fundamentação teórica de Freire (2010), no seu texto *Pedagogia da Autonomia*, por apresentar muitas pistas para reflexão sobre os “achados” nas respostas dos nossos alunos. Sobre o pedido de atenção que muitas vezes nos traz um sentimento de insegurança, Freire (2010, p. 32) destaca que:

A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos.

Nossa experiência com o ensino a distância mostrou-nos que a afetividade é um ponto-chave na relação tutor-aluno, no processo de ensino aprendizagem. Percebemos que o aluno, embora consiga se organizar quanto aos seus horários e estudos, precisa ter, na maioria das vezes, o professor/tutor sempre o orientando e respondendo suas dúvidas o mais breve possível. E não é só respondendo dúvidas quanto à disciplina, mas também buscando incentivo, força para prosseguir. O aluno quer ouvir o tutor dizendo que ele consegue, tem capacidade e que não deve desistir. Isso pode ser comprovado ao analisar os comentários feitos por alguns alunos da EaD em nossa Instituição. A rapidez do retorno às necessidades do aluno foi a resposta mais frequente quando questionamos sobre as características que um professor EaD deve ter para suprir suas necessidades, como podemos verificar nas respostas que se seguem: (os nomes dos alunos são fictícios).

Tratar as dúvidas dos alunos como caráter de urgência, pois com a demora do retorno o aluno interrompe o estudo/atividade, perdendo o foco dos estudos, aguardando o esclarecimento a ser dado pelo professor para prosseguir no aprendizado (MARIA, novembro de 2014).

Corrigir rápido os trabalhos e provas, responder rápido às dúvidas e enviar resumos e exercícios adicionais com as respostas. Também corrigir rápido os exercícios adicionais se for solicitado (PAULO, novembro de 2014).

A aluna Maria apresentou uma justificativa que pode explicar o grande número de respostas que destacou a rapidez no retorno das mensagens e nos levar a pensar o quanto a ajuda para resolver um problema deve aparecer no momento que o problema se apresenta. Muitas vezes, aquela dica na hora certa, aquela pergunta em cima de outra pergunta, aquele incentivo, podem perder seu valor se o momento da motivação não existe mais.

Percebemos que, quanto mais rápido e com mais afeto eram as nossas respostas e o nosso contato com os alunos, mais eles se mostravam interessados e incentivados a aprender e buscar novos caminhos. Diante disso, começamos a refletir sobre o papel das emoções e dos sentimentos na Educação a Distância e a procurar novas maneiras de ensinar e interagir com os alunos. Segundo Wallon (apud LA TAILLE et al., 1992), a emoção é antes de tudo um instrumento de sobrevivência da espécie humana. Ainda segundo sua teoria no âmbito da psicologia, menciona que a afetividade é a capacidade individual de experimentar o conjunto de fenômenos afetivos (tendências, emoções, paixões, sentimentos). A afetividade consiste, portanto, na força exercida por esses fenômenos no caráter de um indivíduo. A ajuda cognitiva em um momento de necessidade é vista pelo aluno como uma forma de afetividade.

A cordialidade foi também citada por alguns alunos como requisito importante no tratamento professor-aluno, especialmente em EaD, como podemos aferir das respostas seguintes:

O professor a distância precisa ter capacidade de compreensão, de orientar, incentivar a pesquisa, ser motivador, precisa dar feedback ao aluno. Precisa ainda, criar condições para que o aluno desenvolva as atividades propostas e adquira a aprendizagem. Por fim, uma

característica primordial, ser cordial (JOSÉ, novembro de 2014).

É preciso ter paciência, cordialidade, conhecimento e gostar do que está fazendo (ANA, novembro de 2014).

Deve ter como característica de mesmo a distância, “estar presente” e poder ajudar o aluno em suas dúvidas em alguns conteúdos com maior dificuldade, pois muitas vezes parece faltar a presença do professor para esclarecer tais dúvidas (DORA, novembro de 2014).

Essa capacidade de compreensão à qual o aluno José se refere encontra seus fundamentos no conceito de inconclusão apresentado por Freire (2010, p. 135):

Minha segurança se funda na convicção de que sei algo e de que ignoro algo a que se junta a certeza de que posso saber melhor o que já sei e conhecer o que ainda não sei. Minha segurança se alicerça no saber confirmado pela própria experiência de que, se minha inconclusão, de que sou consciente, atesta, de um lado, minha ignorância, me abre, de outro, o caminho para conhecer.

Se, como professor, percebo que tenho muito ainda o que conhecer e que o conhecimento pode ser produzido de forma mais tranquila e alegre quando conto com o apoio dos outros, fica mais fácil aceitar a inconclusão do aluno e suas dificuldades. Em contrapartida, muitas vezes, o professor se perde também no meio das dificuldades dos alunos, devido à forma heterogênea que são formadas as salas de aula virtuais nos cursos a distância e precisa parar para pensar em maneiras eficazes de ajudar seus alunos. Um grupo de professores para troca de saberes e experiências pode ajudar bastante, segundo Fiorentini (2004, p. 54): “[...] esse desejo de trabalhar e estudar em parceria com outros profissionais resulta de um sentimento de inacabamento e incompletude enquanto profissional e da percepção de que sozinho é difícil dar conta desse empreendimento”.

Alguns alunos apresentaram também observações sobre a organização do trabalho docente em EaD.

Ter mais horas de tutoria, pois, muitas vezes temos dúvidas e não encontramos o tutor porque o horário dele não bate com o que temos disponível (MARA, novembro de 2014).

Demonstrar preocupação com o desempenho individual e coletivo de suas salas virtuais. Um ponto positivo referente à sua disciplina foi a interação quase que constante com seus alunos. Não houve restrição somente na aplicação dos exercícios planejados no PEGE, mas pôde se perceber o esmero em enviar exercícios complementares de Limites e Derivadas. Creio que o acompanhamento à distância seja mais complicado, por isso requer maior dedicação por parte dos tutores que devem sempre fabricar material complementar para auxiliar a aprendizagem dos alunos. Os projetos de prática também são interessantes, pois requerem maior cuidado pelos alunos que devem simular situações em sala de aula. Um ponto que poderia melhorar as interações seria a confecção de vídeos semanais para explicar os tópicos estudados. Podemos encontrar inúmeros vídeos acerca de cálculo na internet, porém a confecção quase que “live” dos conteúdos estudados poderia dar um embasamento mais dirigido conforme o desempenho de cada sala virtual. A atualização de conteúdos “multimídia” demonstraria uma maior individualização dos conteúdos estudados. Creio que áudio e vídeos poderiam ser melhor explorados (MAURO, novembro de 2014).

Implantar horários de plantão online, onde teríamos horários pré-definidos de “sala de bate papos” entre alunos e docentes” simulando um momento presencial (FLÁVIO, novembro de 20014).

O aluno Mauro realizou uma análise minuciosa dos trabalhos em sua sala de aula virtual e apresentou sugestões para a melhoria desses trabalhos. O destaque sobre os projetos de Prática deve ser retomado por nós para uma reflexão mais aprofundada. O *feedback* positivo em relação aos exercícios extras, a sugestão de vídeos produzidos para cada sala, e os horários de plantão *on-line* sugeridos pelo aluno Flávio, são boas dicas para pensarmos melhor ao organizarmos nossos trabalhos.

A característica de professor-mediador e líder do grupo foi citada pela aluna Sara e pelo aluno João:

Ter a característica de um mediador; além de saber o conteúdo a ser ministrado, o professor deve possuir habilidades específicas inerentes à tecnologia; deve ser um bom digitador, deve estar atento aos diálogos dos alunos e perceber a carência dos mesmos, podendo reforçar o

conteúdo ou mesmo agindo de maneira a estimulá-los à busca de material para suprir tal carência, ou mesmo oferecer referências de conteúdo (SARA, novembro de 2014)

Deve estar atento ao desempenho do grupo, chamando sempre os mais calados para discussão, e procurando identificar as dúvidas e os mais variados ritmos da aula, esforçando-se para agir como problematizador, incentivando debates. Portanto, necessita de flexibilidade para lidar com situações imprevistas (JOÃO, novembro de 2014).

Os debates sobre a Educação a distância vieram também instigar reflexões sobre o papel do professor. O professor que exerce a única função de transmitir conhecimento não é mais necessário, visto que os meios de comunicação digitais colocaram ao alcance de todos, toda e qualquer informação que necessitarem.

O professor não pode esquecer sua função no grupo, como coordenador: é aquele que observa os processos grupais e intervém, apoiando e dando ao grupo condições de achar seu caminho. Seu objetivo não é só trazer um conhecimento novo, mas ver como o processo de aprendizagem se desenvolve no grupo: aprendizagem de conceitos, de fatos, de valores e de comportamentos (ALMEIDA, 2000, p. 80).

Segundo essa perspectiva, o professor não só é mediador entre a cultura e o aluno, mas é o representante da cultura para o aluno, fazendo a aproximação deste com a cultura de sua época. E, assim, ao transmitir uma informação, está construindo a inteligência e desenvolvendo a personalidade do aluno. Trata-se de uma perspectiva diferente em muitos aspectos daquela que nos orienta em nossa docência presencial.

A docência a distância exige que o professor abandone sua função de transmissor do conhecimento para adotar a função de mediador, esta também requisitada nas salas de aula presenciais. Segundo Freire (2010, p. 118):

Meu papel fundamental, ao falar com clareza sobre o objeto, é incitar o aluno a fim de que ele, com os materiais que ofereço, produza a compreensão do objeto em lugar de recebe-la, na íntegra, de mim. Ele precisa de se apropriar da inteligência do conteúdo para que a verdadeira relação

de comunicação entre mim, como professor, e ele, como aluno, se estabeleça. É por isso, repito, que ensinar não é transferir conteúdo a ninguém assim como aprender não é memorizar o perfil do conteúdo transferido no discurso vertical do professor.

Na Educação a distância não tem sentido a simples transmissão do conhecimento, como também não tem sentido o professor repetir as informações que o aluno pode adquirir por outros meios. Contudo, é de fundamental importância que ele consiga interagir com os colegas, discutir suas ideias, apresentar dúvidas. Desenvolver a capacidade de analisar, relacionar e criticar ideias é um trabalho interessante e instigante, onde o professor é mais um no debate, não o interlocutor principal. Dar dicas de referências de conteúdos e também apresentar vídeos para ajudar os alunos a sintetizar o conhecimento e preencher lacunas de compreensão.

A aluna Mara chamou a nossa atenção para a importância de conhecer o perfil dos alunos: “Estar a par do perfil de cada aluno, da realidade a qual ele vive bem como das características dos alunos a qual ele ministra as aulas (MARA, novembro de 2014).”

Freire (2010, p. 123) coloca-nos diante da necessidade de respeitar a leitura de mundo dos nossos alunos:

No fundo, o educador que respeita a leitura de mundo do educando, reconhece a historicidade do saber, o caráter histórico da curiosidade, dessa forma, recusando a arrogância cientificista, assume a humildade crítica, própria da posição verdadeiramente científica.

Na teoria de Wallon (ALMEIDA, 2000) podemos encontrar também um conceito que pode ser considerado como complementar ao da leitura de mundo de Freire, que é o de *respeito*. Almeida (2000, p. 82) destaca uma questão:

O que é, então, respeitar o aluno?

- é aceita-lo no ponto em que está, o que significa conhece-lo em sua etapa de formação e conhecer os meios em que se desenvolve;
- é não impor limites a seu desenvolvimento;
- é oferecer outros meios e grupos para que ele possa desenvolver suas ações;

- é aceitar que a Educação é uma relação evolutiva, que vai se transformando e tende para a autonomia, para o ponto em que o aluno não precisa mais do professor.

Na Educação a Distância, quando se pressupõe que os alunos de um curso de Graduação, como é o caso de nossos alunos, já tenham autonomia para desenvolver com sucesso uma aprendizagem a distância, as diferenças são muito grandes e, muitos deles, ainda não estão preparados para agir com independência, organizar seus cronogramas de estudo e terem sucesso na sua aprendizagem. Os desafios para nós, professores, são muito grandes, e, muitas vezes, nos esquecemos de que a distância no espaço não significa, necessariamente, que existe autonomia em todos os casos.

Almeida (2000, p. 83) apresenta-nos uma ideia interessante sobre evolução da afetividade:

Não é só a inteligência que tem uma evolução, mas também a afetividade. O professor observará as demandas do aluno para atendê-lo em suas diferentes exigências de afeto. Por exemplo, Dantas (1992) lembra que a criança pequena demanda proximidade, pegar, apalpar – é a afetividade epidérmica. Já a demanda da criança na fase categorial refere-se mais ao plano intelectual, para que o adulto a ajude a compreender melhor o exterior – é a forma cognitiva da afetividade. Na fase da adolescência, a demanda é preponderantemente pelo respeito às ideias, pela solidariedade, pela justiça – é a exigência racional das relações afetivas.

A autora completa que muitas das *dificuldades de aprendizagem* são decorrentes da falta de investimento da pessoa no ato de aprender e que é importante que o professor a compreenda e a ajude a superar essas dificuldades. A aprendizagem ocorre se está adequada aos interesses do aluno e todo interesse nasce de uma necessidade. Eis outro grande desafio para o professor.

Se o professor é o representante do legado do passado, como mediador entre o aluno e o conhecimento, o aluno é o representante do futuro. E a finalidade da escola é o desenvolvimento da pessoa e o fortalecimento da autoestima, da capacidade de ter confiança em si e nos outros, ter respeito próprio. “Nesse sentido, a sala de

aula tem que ser uma oficina de convivência, e o professor, um profissional das relações” (ALMEIDA, 2000, p. 85). Ser mestre, na concepção de Zazzo (1978, p. 150-151 apud ALMEIDA, 2000, p. 85), é:

Não é de ideias que me apercebo, não seria capaz de tal, mas de palavras de um estilo e, através desse sentido, é o homem que adivinho. Esse grande homem ruivo, que me choca com sua espantosa juventude... juventude da voz, juventude do comportamento. Aliás, é nessa altura que descubro com espanto que os adultos podem ser jovens... na disponibilidade, no entusiasmo, na sinceridade que animam um rosto. Então, aquele que possui essa qualidade espiritual da juventude, conservando todo o prestígio do adulto, tem vocação para modelo e mestre.

Almeida (2000) destaca, também, na teoria walloniana, algo que poderíamos traduzir como uma pedagogia do esforço – o esforço como condição necessária ao estudo e ao conhecimento. Nesse sentido, a formação psicológica dos professores não pode ficar limitada aos livros, mas deve ter sua referência nas experiências pedagógicas que eles próprios realizam.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aluno, quando se manifesta em um ambiente virtual de aprendizagem, buscando respostas para as suas dúvidas, mostra sua capacidade de mobilizar poderosamente o ambiente para atender às suas necessidades o mais rápido possível. E essas respostas ele espera que seja de uma forma afetiva.

De acordo com nosso estudo, a emoção e o afeto devem ser incluídos entre os objetivos e propósitos da ação pedagógica e da prática docente na Educação a Distância, visto que esse afeto pode contribuir significativamente para a aprendizagem do aluno.

As dúvidas e indagações dos alunos surgem em um momento de incompetência, e os professores/tutores podem evitar que elas se transformem em mais incompetências, respondendo de forma prazerosa e afetiva essas indagações. Nos trabalhos a distância, onde as diferenças culturais dos alunos são maiores, corremos o

risco de não conseguirmos ouvi-los e, portanto, nem mesmo falar com eles, se não levarmos em conta a dimensão histórica do saber. Ele não é imutável, pode assumir contornos diferentes em diferentes contextos, e o respeito precisa ser o ponto de partida de qualquer comunicação.

Lidar com a emoção geralmente não é fácil. E a distância espacial conduz a um estado que pode se confundir com descaso, falta de atenção e descomprometimento. Em contrapartida, a ajuda cognitiva em um momento de necessidade é vista pelo aluno como uma forma de afetividade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. R. Wallon e a Educação. In: MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. (Orgs). *Henri Wallon – Psicologia e educação*. São Paulo: Loyola, 2007. p. 71-87.

CRENSHAW, K. Mapping the Margins: Intersectionality identity Politics, and Violence Against Women of Color. *Stanford Law Review*, v. 43, n. 6, p. 1241-1299, jul. 1991. Disponível em: <http://socialdifference.columbia.edu/files/socialdiff/projects/Article_Mapping_the_Margins_by_Kimblere_Crenshaw.pdf>. Acesso em: 31 nov. 2015.

DE LA TAILLE, Y.; OLIVEIRA, M. K.; DANTAS, H. *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992. Disponível em: <<http://paraosprofessores.blogspot.com.br/2013/09/resumo-do-livro-teorias-psicogeneticas.html>>. Acesso em: 15 dez. 2014.

FIORENTINI, D. Pesquisar práticas colaborativas ou pesquisar colaborativamente? In: BORBA, M. C.; ARAÚJO, J. L. (Org.). *Pesquisa qualitativa em Educação Matemática*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 47-76.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

WALLON, H. *A evolução psicológica da criança*. Lisboa: Edições 70, 1995.